

## A contribuição da cultura e esporte na formação cidadã dos estudantes

*The contribution of culture and sport in the citizen formation of students*

Janilson Ribeiro Batista<sup>1</sup>

Dr. Paulo Roberto Barbosa Pereira<sup>2</sup>

Submetido em: 16/06/2022

Aprovado em: 16/06/2022

Publicado em: 18/06/2022 v. 2, n. 1, jan-jun. 2022

DOI: 10.51473/rcmos.v2i1.317

### Resumo

Neste trabalho, objetivamos acerca da discussão do presente e tentando uma visão futurista acerca da Cultura, de seu processo para os estudantes, bem como o Esporte, como prática determinante no processo de inclusão para um cidadão de bem. Trabalhando sobre uma pirâmide, isto é, inserindo a saúde, tanto física e mental, para com a cultura e o esporte, trilhamos este Artigo realizando uma revisão da literatura e apresentando uma proposta pedagógica. Esta revisão literária busca auxílio em teóricos de renome, notadamente em trabalhos que orientam as práticas desta temática para com o cidadão. Tendo em vista que a proposta foi construída a partir das pesquisas teóricas, foi dada a proposta a fim de que o esporte possa contribuir para a formação de sujeitos críticos e independentes em relação às opiniões que estes assumem. Somando a isto, a cultura, ou seja, o saber empírico mostra que a sociedade está no rumo certo. Acreditamos que essa proposição pode estimular os alunos a refletirem sobre o corpo e a mente no que se refere aos preceitos contemporâneos do estilo de vida ativo para uma sociedade mais forte e saudável.

**Palavras-chave:** Esporte. Cultura. Estudantes. Sociedades.

### Abstract

In this work, we aim at discussing the present and trying a futuristic view about Culture, its process for students, as well as Sport, as a decisive practice in the inclusion process for a good citizen. Working on a pyramid, that is, inserting health, both physical and mental, with culture and sport, we followed this article by conducting a literature review and presenting a pedagogical proposal. This literary review seeks assistance from renowned theorists, notably in works that guide the practices of this theme towards the citizen. Considering that the proposal was built from theoretical research, the proposal was given so that sport can contribute to the formation of critical and independent subjects in relation to the opinions they assume. Adding to this, culture, that is, empirical knowledge, shows that society is on the right path. We believe that this proposition can encourage students to reflect on the body and mind regarding the contemporary precepts of an active lifestyle for a stronger and healthier society.

**Keywords:** Sport. Culture. Students. Societies.

## 1 INTRODUÇÃO

As últimas décadas assistiram a um movimento crescente pelo bem-estar, promoção da saúde e qualidade de vida em diversos setores da sociedade. No Brasil, pode-se citar a criação do *Programa Academia de Saúde*, responsável por criar espaços de práticas corporais nas cidades.

Globalmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs, em 2004, a Estratégia Global para Alimentação, Atividade Física e Saúde como um instrumento de promoção geral da saúde para populações e indivíduos e prevenção do crescimento de doenças crônicas não transmissíveis em todo o mundo. Em relação às práticas corporais, as ações abrangem a rede básica de saúde e a comunidade realizando ações de aconselhamento e divulgação; intersectorialidade e mobilização de parceiros; e monitoramento e avaliação (OMS, 2004).

É neste contexto que surge o modelo “Escolas Promotoras de Saúde”, procurando abarcar alguns dos princípios e métodos estabelecidos nas Conferências Globais de Promoção da Saúde em ambientes escolares. Assim, a “Escola Promotora de Saúde” surge como uma possível estratégia de promoção da qualidade de vida e saúde, na esperança

1 Universidade Interamericana: curso Doutorado em educação. Asunción- Paraguai Janilsonri4@gmail.com

2 Orientador. Universidade Interamericana: curso Doutorado em educação

de que a escola desenvolva atividades que favoreçam a saúde e o ensino de habilidades para a vida, para que os alunos possam adquirir conhecimentos sobre a adoção e manutenção de hábitos saudáveis, comportamentos e estilos de vida. Outro ponto levantado refere-se à estrutura criada para promover ambientes saudáveis e melhorar a qualidade de vida na escola e no seu entorno.

Nesse ínterim, o modelo criado deve buscar também fortalecer os vínculos entre os serviços de saúde e educação para promover a integração da saúde, alimentação, nutrição, lazer,

Ainda que se possa sustentar a crítica de que a vertente que considera a adoção de estilos de vida saudáveis pelos indivíduos é uma falácia, pois segundo Castiel (2003), em contextos de pobreza e vulnerabilidade social as pessoas não escolhem estilos de vida, mas traçam estratégias de sobrevivência, não se pode negar que se trate de uma iniciativa potencializadora de ações intersetoriais entre educação e saúde. Na perspectiva de Savianni (2003), mais do que uma instituição de socialização do conhecimento científico, a escola é um espaço sociocultural onde pessoas, projetos e aprendizagens se cruzam (GUSMÃO, 2003; DAYRELL, 1996; FORQUIN, 1993) Então, por que não um espaço que discuta saúde?

Diante da discussão acima, torna-se pertinente observar a educação no contexto escolar, que, no caso da educação do esporte ou educação física, passa por questões relacionadas à promoção da saúde. Embora não seja um assunto inédito e recente para a educação discutir saúde no contexto escolar, o contexto contemporâneo é favorável ao aprofundamento da temática, dada a enxurrada midiática que exhibe modelos de corpos saudáveis em detrimento de um discurso de causalidade entre as práticas corporais e a saúde, já refutado por Palma, Bagrichevsky e Estevão (2003).

Assim, considerando que a saúde no contexto do esporte e cultura tem ocupado um lugar de pouco valor (ORFEI; TAVARES, 2009), e que a produção de conhecimento em educação física na década de 1980 não absorveu os movimentos de saúde pública (BAGRICHEVSKY; ESTEVÃO, 2008), acreditamos que a educação para o esporte e cultura tem coisas a dizer.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1. Educação para a cultura e esporte

Para perceber que a Educação para a cultura e o esporte, tanto na escola quanto na sociedade de modo geral tem importância fundamental na vida dos jovens e como dito anteriormente, algo a se dizer é perceber o lugar que as aulas para os estudantes ocupam em todos os níveis de ensino. Isso requer uma compreensão da relação de seus conteúdos com os interesses dos alunos nesta fase escolar, uma vez que sua legitimação não se dará em termos de conteúdo para testes nacionais como o ENEM, como é comum em outras áreas; assim, atribuindo significado a ele. Ao contrário, é a relação desses conteúdos com a vida dos alunos que vai atribuir sentido à aula, torná-la viva, envolvente e pulsante (SOUZA, 2008).

Antes de abordar a questão central deste estudo - ou seja, a interface entre cultura e esporte para uma boa formação cidadã, e suas perspectivas para o ensino -, devemos partir de como essa discussão deve estar presente na fase do início estudantil. Betti e Zuliani (2002, p. 76) defendem que a educação do esporte no ensino médio deve ser vista de forma diferente do ensino fundamental. Para eles, essas aulas

[...] deve apresentar características inovadoras próprias que considerem a nova fase cognitiva e afetivo-social alcançada pelos adolescentes. Esse dever não implica perder de vista o propósito de integração do aluno à cultura corporal do movimento. Ao contrário, no ensino médio pode-se proporcionar ao aluno a fruição dessa cultura por meio de práticas que esse aluno identifica como significativas para si mesmo. (p. 76)

Uma das tarefas hoje defendida pela área é proporcionar práticas significativas para os alunos que não se limitem à ideia de apenas fazer algo por fazer, mas com o contributo para a formação de alunos autônomos, cooperativos e capazes de questionar e criticar os valores que lhes são transmitidos. A necessidade de a escola organizar a reconstrução dos saberes escolares com os elementos da subjetividade humana e auto iniciativa é, segundo Franco e Novaes (2001, p. 181), “uma forma de organizar a escola e o cotidiano, promovendo a formação de um cidadão consciente e historicamente engajado nos problemas de seu tempo, um sujeito dinâmico e participativo”.

8

Essa necessidade de estruturar a escola e o cotidiano dos alunos é justamente o que uma educação cidadã de qualidade deve nortear em seus conteúdos para que, com isso, a compreensão dos significados atribuídos pelos jovens às aulas represente algo para eles. Diante desse entendimento, os objetivos da educação no ensino fundamental e médio podem seguir o caminho que contribui para que os alunos superem a visão hegemônica, ou seja, dos esportes, danças, artes marciais, ginástica e exercícios físicos como produtos de consumo, ditando o modelo para ser seguido.

Esse novo contexto histórico impõe à educação uma revisão de sua prática, e essa percepção é importante porque o professor, ao trabalhar com pessoas que são afetadas, ao mesmo tempo, por uma cultura geral e por uma cultura escolar, deve levar em consideração esse aspecto. Compreender o que ocorre no geral e nas culturas escolares permite inferir sobre como a compreensão do que ocorre no universo escolar está intimamente ligada aos interesses delineados fora

desse espaço social.

Esse pensamento nos leva a pensar a escola como um espaço de representação social que existe independente da individualidade do sujeito, visto que esse ambiente é permeado por representações coletivas. Devemos frisar que, embora proponhamos uma mediação entre o conhecimento trazido pelos alunos e aquele sistematizado por um determinado grupo, isso não significa o abandono dos saberes existentes desenvolvidos há décadas pela área; o que nos propomos é dar-lhes vida, contextualizá-los historicamente. Pensar historicamente a escola é pensá-la como um ambiente sociocultural, que para **Dayrell (1996)**, implica em:

Compreendendo-a na perspectiva da cultura sob um olhar mais denso que considera o dinamismo do fazer cotidiano realizado por homens e mulheres, trabalhadores, negros e brancos, adultos e adolescentes, e por fim, alunos e professores - seres humanos concretos, sociais e históricos. sujeitos, presentes na história, atores nela. Discutir a escola como ambiente sociocultural implica, portanto, resgatar o papel dos sujeitos no tecido social que a constitui como instituição. (p. 136).

No que se refere às aulas de educação física (práticas esportivas), resgatar o protagonismo dos sujeitos passaria, assim, pela relação que se estabelece com o saber e, nesse sentido, a discussão sobre as interfaces entre a educação física e a saúde adapta-se de maneira fundamental, visto que aborda os aspectos relacionados à saúde desconectada dos modismos e padrões da mídia proporciona um ganho de qualidade de uma discussão que visualiza novos horizontes.

Esportes, danças, artes marciais, ginástica e exercícios físicos são conhecidos por enfrentar cada vez mais a transição para produtos e objetos de consumo amplamente divulgados ao grande público. Além disso, os jovens são bombardeados diariamente por imagens e enunciados que propõem um padrão de beleza corporal a ser alcançado por todos. Contrariamente, uma pequena parcela da população pratica sistematicamente esportes e exercícios físicos, e o estilo de vida gerado pelas novas condições socioeconômicas favorece o sedentarismo e a movimentação para espaços privados ou semiprivados. É nesse sentido que a educação física no ensino médio - etapa conclusiva da educação básica - deve proporcionar aos alunos a ampliação e o aprimoramento de seu repertório cognitivo, motor, afetivo e social, possibilitando a apropriação da observação crítica da cultura corporal, de modo que podem reivindicar participação e protagonismo em sua produção, reprodução, fruição e transformação.

O corpo é o principal consumidor das indústrias da beleza e da saúde na atualidade, tornando a ambiguidade sobre o conhecimento do corpo um traço da cultura contemporânea. A necessidade humana de se adequar a padrões estéticos pode desencadear uma imagem de crise - seja nos alicerces de nossa cultura ou mesmo na própria crise individual -, criando um embate interno entre as representações do corpo que temos e o corpo que queremos. Essa situação faz com que os conceitos sobre saúde sejam intencionalmente distorcidos e vinculados a conceitos estéticos, e o público que mais sofre com esse bombardeio de informações equivocadas são os jovens.

Os padrões são disseminados pelos mais diversos meios de comunicação e os modelos predefinidos reforçam visões antagônicas, por exemplo, entre juventude e velhice, atividade e passividade, entre outras. Diante desse contexto, o ciclo biológico não é o único aspecto destacado, pois o corpo assume uma conotação simbólica que resulta das construções sociais, cuja imagem ideal é a de saúde e beleza associada à juventude.

Discussões sobre doenças relacionadas ao sedentarismo, o papel da mídia na construção dos padrões de beleza corporal, os diversos significados atribuídos ao corpo, a relação entre exercício físico e saúde e papéis sexuais relacionados às expectativas de desempenho físico e esportivo, entre outros que muitas vezes são excluídos dos conteúdos das aulas de educação física do ensino médio e, com isso, os jovens constroem significados equivocados sobre essas questões - o que pode ser prejudicial à própria saúde.

## 2.2. Educação Cultural

Por ser a escola uma instituição que acolhe considerável parcela dos jovens no Brasil, sua função vai além de educar apenas sobre os conteúdos ministrados nas disciplinas tradicionais, conforme afirma **Pimenta (1993)**, e **Dourado e Oliveira (2009)**, quando se refere à formação de alunos críticos. Assim, a escola deve conceber, a partir de uma perspectiva crítica, o homem em sua integralidade: um ser formado pelas dimensões biológica, material, afetiva, estética e lúdica (**DOURADO; OLIVEIRA, 2009**).

9

A saúde surge como um tema transversal privilegiado neste íterim, e ao considerar a educação física como um componente curricular, seus esforços estão voltados para a promoção da saúde. A partir da compreensão da saúde como resultado das condições de vida, trabalho, educação, moradia, lazer, entre outros (BRASIL, 1986) como uma experimentação do indivíduo na sua relação com a sociedade (**PALMA; ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2003**), pode-se entender a promoção da saúde a partir de **Czeresnia (1999)** como um conjunto de estratégias envolvendo as capacidades individuais e coletivas das pessoas para lidar com as múltiplas limitações de saúde. Para a autora, promoção da saúde é um conceito que fortalece a saúde ao construir a capacidade de escolha dos indivíduos e capacitá-los a atentar para as

diferenças, conforme demonstrado a seguir:

[...] fortalecimento da capacidade individual e coletiva de lidar com a multiplicidade de fatores que condicionam a saúde. A promoção vai além da aplicação de técnicas e normas [...] tem a ver com o fortalecimento da saúde pela construção da capacidade de escolha, utilizando o conhecimento para discernir as diferenças (e as singularidades) dos acontecimentos (CZERESNIA, 1999, p. 706).

Ou seja, da perspectiva de que **Castiel e Silva (2006)** denominado ‘libertário’, que busca a mudança social na perspectiva das propostas de educação popular, e na educação física isso é consistente com abordagens críticas de ensino, por exemplo, a superação crítica (SOARES et al., 1992) e a crítica emancipatória (KUNZ, 1994) Desse ponto de vista, podemos compreender a educação física no contexto escolar “[...] como veículo de promoção da saúde, mediado por uma visão contemporânea da saúde e sua relação com as atividades físicas” (DEVIDE, 1996, p. 52).

[...] a saúde passa a ser uma questão pedagógica de forma mais genuína, reforçando a ideia de que a participação da educação física escolar estaria atrelada à noção de uma educação para a saúde (e não a promoção direta da saúde) (BROUGHT, 2013, p. 181).

Isso significa refutar o entendimento comum de que o único papel da educação é proporcionar práticas corporais para que os alunos possam viver bem e ter saúde. Ou, na perspectiva de Santos e Costa (2017), distanciar-se do paradigma científico contemporâneo que considera que as práticas corporais servem para adquirir e manter a saúde. Considerando a Educação Física como componente curricular cujo tema de ensino é a cultura corporal, nós corroboramos Beltrão (2013, p. 187) na afirmação de que a saúde não seria um conteúdo da educação física, mas um horizonte a ser perseguido pelo projeto pedagógico da disciplina quando colocado em prática: “[...] o efeito saúde estaria implícito na contribuição que a EF escolar [a educação física] poderia proporcionar, desde a mediação de diferentes práticas corporais, até a educação integral do indivíduo ”.

Essa perspectiva também está expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais Brasileiros (PCN):

Uma Educação Física atenta aos problemas do presente não pode deixar de eleger, como uma de suas diretrizes centrais, a da educação para a saúde. A Educação Física pretende prestar serviços de educação social aos alunos, contribuindo para uma vida produtiva, criativa e de sucesso. A Educação Física encontra, na orientação pela educação em saúde, um meio de atingir seus objetivos (BRASIL, 1999, p. 156).

De acordo com Almeida, Oliveira e Bracht (2016, p. 91), a abordagem PCN é relevante para a educação física, pois implica em um processo mais amplo de vinculação com a saúde, distanciando-se da “[...] ideia de saúde como ausência de doenças e da atividade física como sinônimo de saúde”.

As práticas pedagógicas em educação física devem ser capazes de, corroborando (MOLINA NETO et al., 2017, p. 99), selecionar, planejar e colocar em prática “[...] vivências corporais que vão além da vida escolar, educando para a saúde na idade adulta com qualidade, e para o exercício do lazer consciente das condições sociais, políticas, econômicas e culturais que envolvem o livre tempo e seu uso”. Portanto, em um contexto de formação crítica, a Educação Física deve fornecer ferramentas que contribuam para a formação integral desse aluno, condizente com os valores éticos, estéticos e relacionados à saúde, não priorizando apenas a aptidão física - o que historicamente tem privilegiado um diálogo cartesiano com as experiências corporais dos alunos.

Diante dessa discussão, entendemos que a educação física no ensino médio possui um potencial iminente com o desenvolvimento da temática saúde, visto que as aulas tradicionalmente ocorrem com viés para o esporte (SANTOS; COSTA, 2017); portanto, carente da atribuição de novos significados. É o momento de aprofundar a sistematização do conhecimento da cultura corporal (SOARES et al., 1992).

Em Araújo e Grunennvaldt (2017), que investigaram alunos do ensino médio de uma escola pública de Mato Grosso (estado do meio-oeste brasileiro), 85% dos voluntários reconhecem a educação física escolar como necessária para sua educação e destacam aspectos relacionados à saúde como os principais elementos desta disciplina, especialmente

[...] a aquisição de hábitos considerados saudáveis em contraposição a uma vida sedentária, atitudes de uma vida ativa; definição para a prática de exercícios físicos e esportes, comportamentos e informações sobre alimentação e demais afirmações que envolvam a saúde (ARAÚJO; GRUNENVALDT, 2017, p. 262).

Considerando a discussão acima, iremos agora nos concentrar em elucidar as perspectivas da abordagem da saúde para a

educação física no ensino médio, entendendo, a partir de Santos e Costa (2017), a urgência de resistir aos enunciados contemporâneos estritos que permeiam as práticas corporais. Alinhado com Almeida, Oliveira e Bracht (2015, p. 91), o desafio é discutir as contribuições que a educação física pode proporcionar “para uma ‘formação em saúde’ na escola”, no caso deste estudo, o ensino médio

### 2.3. Educação Física e saúde: Algumas perspectivas

Podemos afirmar que a Educação Física é fundamental para o ensino fundamental e médio por proporcionar aos alunos a oportunidade de refletir e compreender as diversas esferas que envolvem as práticas corporais, preenchendo, assim, uma lacuna de conhecimento que outros componentes curriculares não contemplam em termos de prática pedagógica. Em relação à saúde, nosso entendimento é que o debate sobre o corpo assume um papel central, corroborando **Carrano’s (2011)** argumentos, para os quais é pertinente trazer o assunto para o centro das práticas escolares. Para Santos e Costa (2017), os discursos contemporâneos sobre saúde envolvem o corpo e se aproximam das aulas de educação física. Em particular, a proposta existente na Base Curricular Comum Nacional (BNCC) brasileira destaca que a educação física no ensino médio deve contemplar temas contemporâneos do cotidiano dos jovens para considerar “suas dimensões físicas, psicoemocionais e sociais, a fim de se desenvolver e divulgar ações de prevenção e promoção da saúde e do bem-estar” (BRASIL, 2017, p. 543).

Assim, é pertinente abordar questões relacionadas aos cuidados com o corpo, beleza e estética na Educação Física no ensino médio, como afirmou **Dias’s (2013)** horizonte, para o qual as reflexões devem envolver os padrões corporais vigentes. Por **Ludorf (2009)**, as aulas de educação física, em sua prática diária, podem contribuir para a formação de valores socioculturais, subjetivos e políticos. Assim, é possível fomentar um ambiente de formação crítica do aluno no seu processo de aprendizagem, conscientização e aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o seu próprio corpo e o corpo dos outros desde que, atualmente, um dos aspectos mais relevantes em relação ao corpo é a aparência.

Hoje em dia, os modelos corporais nos quais as pessoas podem espelhar o seu circulam nos diversos meios de comunicação disponíveis, servindo como parâmetros a serem perseguidos. Por **Lovisolo (2006)**, essa perspectiva se aproxima do modelo denominado JUBESA (juventude, beleza e saúde; em português: *juventude, beleza e saúde*), que incita à busca por transformações corporais que resultem em resultados jovens e bonitos, que acabam se confundindo com a própria saúde. Consequentemente, trazendo à existência um padrão corporal que, para a maioria das pessoas, é inatingível. Observamos que existe a disseminação de um ideal de beleza associado a uma relação estética e, nesse cenário, os atributos físicos tornam-se determinantes na composição do belo. Devemos observar que a beleza em nossa sociedade está associada a uma boa imagem e sucesso, e para ser bela é preciso ter uma aparência jovem, atlética, saudável e ativa, entre outros atributos (**OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013**) Além disso, existe um novo paradigma social, no qual existe o dever moral de ser bonito (**NOVAES, 2010**), em qualquer fase da vida, pois nunca é tarde para começar a ter um estilo de vida mais ativo (**LOVISOLO, 2006**).

Não há espaço para outras formas corporais nesse ambiente, pressionando os jovens a repudiarem a obesidade, o sedentarismo, a inatividade física etc. “Ou seja, o olhar de hoje sobre o que está enrugado e a gordura responde a comandos morais, rígidos e implacáveis que validam apenas o que é suave e jovem” (SANTOS; COSTA, 2017, p. 4). Por **Fraga (2006)**, esse movimento permite a criação de novas identidades marginais, principalmente quanto ao conceito de ser sedentário e gordo.

Diante desse contexto, a ideia de um corpo padrão parece estar longe da realidade de todos porque, segundo **Oliveira e Oliveira (2013, p. 1)**, os padrões corporais contemporâneos são tão rígidos que é virtualmente impossível caber neles. “Se você é gordo, deve emagrecer; se você é magro, deve se tornar forte; se você é forte, deve ter a musculatura mais definida, e assim por diante”; gerando altos índices de insatisfação corporal. Por **Dias (2013)**, essas e outras questões relacionadas refletem na vida dos adolescentes na escola.

**Nóbrega (2000)** alerta para a necessidade de se considerar a complexidade do ser humano nas práticas pedagógicas da educação física, pois ao intervir sobre o corpo e o movimento vêm à tona questões que vão além das capacidades motoras e orgânicas; as questões relacionadas ao bem-estar e à saúde apresentam a possibilidade de superação do reducionismo do corpo-objeto.

### Considerações Finais

Discutir e apresentar possibilidades na educação, observando também o conceito de cultura e esporte, são práticas que sempre estiveram presentes na história dessa disciplina. No entanto, podemos observar que apesar de as discussões sobre as questões de o corpo vinculadas a uma perspectiva ampla em saúde não serem novas, esse é um tema que ainda requer

reflexão. Considerando a complexidade que envolve o tema, este estudo destacou a constante exposição na mídia e a difusão na sociedade de estilos de vida saudáveis que se apresentam como indiscutíveis. Acreditamos assim que a educação física, principalmente no ensino fundamental e médio, pode ter uma prática pedagógica em seu âmbito que contemple temas relacionados à saúde e que possibilite aos alunos, a partir das práticas corporais, Portanto, acreditamos que os conteúdos que podem e devem ser discutidos nessas aulas devem ser claramente definidos. Como não existe um currículo definido para a disciplina e o professor é o responsável por selecionar os conteúdos e realizar um planejamento dinâmico que atenda às necessidades e desejos dos alunos frente à realidade dos aspectos relacionados ao corpo na contemporaneidade, seus desdobramentos, e efeitos na saúde. À semelhança do que podemos observar nas diretrizes que regem a disciplina - ou seja, PCN e BNCC -, o aluno deve ser formado de forma integral, indo além da formação que enfoca a dimensão biológica e / ou técnica como costumamos observar em campo para uma sólida educação cidadã.

## Referências

ALMEIDA, U. R.; OLIVEIRA, V. J. M.; BRACHT, V. **Educação física escolar e o trato didático-pedagógico da saúde: desafios e perspectivas**. In: WACHS, F.; ALMEIDA, U.R.; 2015.

BRANDÃO, F.F.F. (Orgs.). **Educação física e saúde coletiva: cenários, experiências e artefatos culturais**. Porto Alegre: Rede Unida, 2016. p.87-112.

ARAÚJO, G. F.; GRUNENVALDT, J. T. A educação física e as finalidades educacionais do ensino médio: um estudo de caso. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 251-269, 2017.

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A. Perspectivas para a formação profissional em Educação Física: o SUS como horizonte de atuação. **Arquivos em Movimento**, v. 4, n. 1, p. 128-143, 2008.

BELTRÃO, J. A. A educação física na escola do vestibular: as possíveis implicações do ENEM. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 819-840, 2014.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, n. 1, p. 73-81, 2002.

BRACHT, V. Educação Física & Saúde Coletiva: reflexões pedagógicas. In: FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M.; GOMES, I. M. (Org.). **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013, v. 1, p. 178-197.

BRACHT, V Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular-BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017.

CARRANO, P. Identidades culturais e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, A.F.B.; CANDAU, V.M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 182- 211.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, n. 4, pág. 701-709, 1999.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-161.

DEVIDE, F. P. A educação física escolar como via de educação para a saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Edibes, 2003, p. 137-150.

DIAS, J. R. A. **Culturas escolares e adolescentes: Imagem corporal e relações sociais**. 2013. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2013.

DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. **A qualidade da educação: perspectivas e desafios**. Caderno CEDES, v. 29, n. 78, p. 201-215, 2009.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artmed, 1993.

FRAGA, A. B. Promoção da vida ativa: nova ordem físico-sanitária na educação dos corpos contemporâneos. In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Org.). **A saúde em debate na educação física** – v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006. p.105-118.

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 167-183, 2001.

GUSMÃO, N. M. M. Os desafios da diversidade na escola. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003, p. 83-106.

KUNZ, E. Ministério da saúde adverte: viver é prejudicial à saúde. BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na educação física**. v. 3. Ilhéus: UESC, 2007. p.173-186.

LOVISOLO, H. Em defesa do modelo JUBESA (juventude, beleza e saúde). In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. v. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 157-178.

LUDORF, S. M. A. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface**, v. 13, n. 28, p. 99-110, 2009.

MOLINA NETO, V. et al. A Educação Física no Ensino Médio ou para entender a Era do Gelo. **Motrivivência**, v. 29, n. 52, p. 87-105, 2017.

NÓBREGA, T.P. **Corporeidade e Educação Física do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2.ed. Natal: EDUFRRN, 2000.

NOVAES, J.V. **Com que corpo eu vou?** Sociabilidade e uso do corpo nas mulheres das camadas altas e populares. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2010.

OLIVEIRA, F.; OLIVEIRA, RC O culto ao corpo e seus desdobramentos contemporâneos. **Leituras, Educação Física e Esportes**, v. 18, n. 185, pág. 1-1, 2013

ORFEI, J. M.; TAVARES, V. P. Promoção da Saúde na Escola Através das Aulas de Educação Física. In: BOCCALETTO, E. M. A.; MENDES, R. T. (Orgs.). **Alimentação, Atividade Física e Qualidade de Vida dos Escolares do Município de Vinhedo-SP**. Campinas: IPES Editorial, 2009. p. 81-87.

PALMA, A.; BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A. Análise sobre os limites de inferência causal no contexto investigativo sobre “exercício físico e saúde”. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.) **A saúde em debate na Educação Física**. v. 1. Blumenau: Edibes, 2003. p. 33-52.

PIMENTA, S. G. **Questões sobre a organização do trabalho na escola**. São Paulo: FDE, 1993.

SANTOS, A. M.; COSTA, F. S. Filosofia da Corporeidade: transversalizações de um corpo intenso de devir. **Educação e Realidade**, v. 43, n. 1, p. 223-237, 2018.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 8.ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, A. S. **Educação Física no Ensino Médio**: Representações dos Alunos. 148p. 2008. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

OMS. **Estratégia global em alimentação saudável, atividade física e saúde**. Genebra: OMS, 2004.